

# Notas sobre a vida e obra do entalhador lisboeta Francisco de Faria Xavier

André Guilherme Dornelles Dangelo<sup>1</sup>, Aziz José de Oliveira Pedrosa<sup>2</sup>



## Introdução

O presente trabalho traz a conhecimento pormenores da vida e obra do entalhador lisboeta Francisco de Faria Xavier, ativo na Capitania de Minas durante o século XVIII. Esta pesquisa tem como subsídio o estudo do inventário<sup>3</sup> do referido entalhador, registro esse pouco conhecido pelos historiadores da arte luso-mineira.

O documento supracitado demonstra que Francisco de Faria Xavier é natural da cidade de Lisboa, filho de José Faria e Theresa Maia. Foi o artífice casado com Maria Assunção, também natural da cidade de Lisboa, com quem teve quatro filhos. Motivado por doença que lhe deixou acamado, Faria Xavier registrou seu inventário no dia 4 de dezembro do ano de 1759. Momento esse no qual foram listados os bens materiais que possuía na Capitania de Minas. Assim, era de sua posse uma casa no Arraial de Catas Altas; créditos a receber; dívidas a pagar em lojas, boticas, açougues e cirurgiões; escravos e alguns outros bens de uso cotidiano, de menor valor monetário. Outros pormenores de sua vida atestam que ele foi membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, do Arraial de Catas Altas.

Após registrar testamento, faleceu Francisco de Faria Xavier no dia 12 de dezembro do ano de 1759, conforme atestado de óbito<sup>4</sup>. Foi enterrado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Catas Altas. Ainda não foram localizados registros sobre o ano de nascimento de Faria Xavier, mas, provavelmente, esses dados possam ser levantados em arquivos portugueses, visto ser de conhecimento sua origem.

---

<sup>1</sup> Doutorado em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Atualmente é professor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (previsão de doutoramento: 2016). Atualmente é professor adjunto do Centro Universitário Newton Paiva onde leciona no curso de Arquitetura e Urbanismo. A viagem deste autor foi financiada pela FAPEMIG – Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Arquivo da Casa Setecentista, Iphan, Cartório 1º ofício. *Testamento de Francisco Faria Xavier* (Mariana: 1759): 33v, 37.

<sup>4</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, Livro de Óbitos, Prateleira H-01 (Catas Altas 1749-1760): 157v.

## Obras e parcerias

Faz-se necessário realizar revisão sobre a atuação de Francisco de Faria Xavier, principalmente porque hoje se sabe que os testemunhos documentais têm muito a dizer. Assim, iniciam-se as discussões a respeito da primeira obra que se tem registro do envolvimento de Francisco de Faria Xavier, e que foi realizada na Matriz de Santo Antônio, em Santa Bárbara.

Assim, em documento redigido no dia 5 de janeiro do ano de 1744<sup>5</sup>, a Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Matriz de Santo Antônio, decidiu contratar obras de talha para o retábulo-mor da igreja, uma exigência para que se pudesse realizar, posteriormente, a transladação do Santíssimo Sacramento para o referido retábulo. Conforme o documento, deveria ser feito “... retábulo de talha para o altar mor com paredes e teto da capella mor apainelados...”<sup>6</sup>. Destaca-se a exigência contratual de se fazer talha para teto, paredes da capela-mor e demais ornamentos, o que vem a ratificar que as características do conjunto de talha a ser contratado estavam em conformidade com as preferências ornamentais correntes no universo setecentista luso-brasileiro. Visto ser nesse período que a talha se espalha pelas paredes das igrejas, principalmente das capelas-mores, compondo uma estética que hoje se denomina de “igrejas forradas de ouro”.

Diante dessas decisões, no dia 22 de junho do ano de 1744, a Irmandade do Santíssimo Sacramento concedeu a arrematação da talha da capela-mor da Matriz de Santo Antônio a Francisco de Faria Xavier<sup>7</sup>. Segundo relata o documento em análise, outros entalhadores participaram desse processo de arrematação, uma vez que era a adjudicação o procedimento mais comum para arrematar obras nas Minas setecentistas, ficando concedido o direito de efetuar os serviços àquele que oferecesse a proposta mais vantajosa. Outro dado fundamental nesse processo se refere aos riscos e modelos do retábulo que já haviam sido definidos e foram mostrados a Francisco de Faria Xavier, antes de ser assinado o contrato de arrematação da obra, uma vez que depois que ele viu e analisou os projetos, comprometeu-se em realizar os trabalhos em um prazo de um ano. Infelizmente não foi possível, até o presente momento, encontrar o projeto, tampouco saber quem foi o responsável por sua elaboração. Desse processo de arrematação, ainda sobrevive a curiosidade por se saber quem foram os demais artistas que se interessaram em arrematar a obra, visto não constar seus nomes na documentação levantada.

Certamente, o prazo contratual estipulado para execução do serviço exigiu que Francisco de Faria Xavier subcontratasse mão-de-obra para colaborar na produção dos trabalhos. Visto que se tratava de uma grande obra que contemplava: a talha do retábulo-mor, paredes e teto da capela-mor, o que exigiria um tempo maior para sua execução ou, o esforço de muitos artífices trabalhando em equipe. Supunha-se a subcontratação de artistas para realizar a dita obra, mas não se tinham comprovações a esse respeito. Nesse sentido, entra em pauta documento inédito que vem a esclarecer parte desses fatos, demonstrado que no dia primeiro de agosto do ano de 1745 a Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Matriz de Santo Antônio, realizou pagamentos referentes a serviços de talha executados para a mencionada capela-mor.

---

<sup>5</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de Receitas e Despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 8.

<sup>6</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de Receitas e Despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 8.

<sup>7</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 21v.

Foi destinado valor em dinheiro a ser pago ao entalhador José Coelho de Noronha, referenciado como “mestre da dita obra”.

“Em o primeiro dia do mez de Agosto de mil setecentos e quarenta e sinco anos, estando em Meza o Provedor e mais officiais que servem na Irmandade do Santis. Sacram.to determinarão se satisfizesse a esmola de quatro centas oitavas de ouro que consignarão a obra de talha da capella mor da dita Matriz. Na forma e maneira seg. te, a saber duas oitavas de ouro da Meza de [ilegível] annos que ha de pagar o Provedor da dita irmandade o Coronel Miguel Alves Per.a e mais Esta [ilegível] de ouro há de dar o Escrivao da d.a Irmandade Domingos Alves da Silva da Meza de dois annos, de igual quantia de cento e trinta e oito oitavas da Meza d.o Escrivão se de por entregue o d.o provedor p.a satisfazer ao mestre da dita obra Jose Coelho de Noronha, e dezesseis oitavas que faltarão p.a completar a d.a coantia de quatro centas oitavas de ouro de ouro se consignou (...)”<sup>8</sup>.

Esse documento vem a elucidar algumas questões levantadas por Pedrosa (2012, p. 85), sobre a possibilidade de José Coelho de Noronha ter colaborado nos trabalhos de talha da Matriz de Santa Bárbara. A hipótese do pesquisador foi levantada por se saber que Noronha e alguns artífices que laboravam em sua oficina, trabalharam em Santa Bárbara na produção de um retábulo<sup>9</sup>. Nas mesmas pesquisas, Aziz Pedrosa ainda levantou os nomes dos oficiais que estiveram com Noronha em Santa Bárbara, certamente em virtude da confecção da dita talha: os entalhadores Amaro dos Santos e Manoel João Pereira. Esses artífices compuseram uma oficina<sup>10</sup> de talha que acompanhou Noronha em alguns trabalhos na Capitania de Minas.

A farta documentação sobre o processo de construção e ornamentação da Matriz de Santa Bárbara aponta que Faria Xavier foi citado apenas no ano em que arrematou os trabalhos de talha, não sendo mais feita menção a seu nome no tangente a quitação de pagamentos, ajustes contratuais, dentre outros meios burocráticos que, geralmente, envolviam esses serviços. É também intrigante o fato de Coelho de Noronha receber pagamentos por serviços prestados em uma obra não arrematada, inicialmente, por ele.

Sobre esses fatos, questiona-se se a contratação de outro entalhador ocorreu por Francisco de Faria Xavier não ter finalizado os serviços conforme os prazos contratuais da obra. Ou, se teria sido um acordo entre Faria Xavier e a Irmandade do Santíssimo a subcontratação de outro entalhador para realizar os trabalhos. Levantam-se essas hipóteses na tentativa de se compreender o envolvimento de ambos entalhadores na fábrica da talha em pauta, mas, sem que se possa chegar a conclusões definitivas, por não se ter registros sobre o assunto.

Tudo isso leva o pesquisador a recorrer a outros métodos analíticos na busca por informações esclarecedoras. Desse modo, procurou-se averiguar os registros que discorrem sobre o processo de douramento da talha da capela-mor e seu retábulo. Esses documentos apontam que, provavelmente, a primeira configuração da talha da capela-mor da Matriz de Santo Antônio já havia sido finalizada no dia 25 de janeiro do ano de 1748, pois nessa data a

<sup>8</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 22.

<sup>9</sup> Ver: Aziz José de Oliveira Pedrosa, “Uma Oficina de talha na Sé de Mariana: o fazer artístico e o contrato de trabalho.” *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, maio/agosto (2013): 597-630.

<sup>10</sup> Aziz José de Oliveira Pedrosa, *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012). 103.

Irmandade do Santíssimo Sacramento contratou o serviço de douramento da capela-mor<sup>11</sup>. Pelo que se conseguiu levantar, as obras de douramento foram contratadas por etapas, visto no dia 16 de agosto de 1750 ter sido registrado termo referente ao aval do Bispo para proceder ao douramento do retábulo-mor.<sup>12</sup> Em outro ato, no dia 12 de setembro de 1750, a Irmandade do Santíssimo Sacramento determina que se ajustasse o douramento da talha da tribuna e do retábulo-mor, solicitando que as demais Irmandades que na Matriz de Santo Antônio se encontravam, colaborassem com recursos financeiros para tais serviços<sup>13</sup>. Esses documentos demonstram que por volta de 1750, já havia sido finalizada a primeira etapa das obras de talha da capela-mor e seu retábulo.

Outras informações extraídas dos documentos indicam que a capela-mor da Matriz de Santa Bárbara passou por obras de alvenaria a partir do ano de 1752<sup>14</sup>. para que fosse ampliado seu espaço para instalar banquetas, um painel da Santa Ceia, entre outros ajustes, pois a Irmandade do Santíssimo Sacramento considerava pequeno o espaço existente. A leitura da documentação indica que se tratava de serviços de alvenaria, não mencionando execução de talha. Por outro lado, acredita-se que as reformas empreendidas podem ter implicado a desmontagem do retábulo-mor e demais ornamentos que compunham a talha da capela-mor, pois o documento que trata dessas obras acusa que o retábulo deveria ser encostado na parede da capela-mor, além de ser plausível que mudanças na alvenaria não poderiam ser realizadas sem se desmontar o retábulo.

Na sequência dos documentos alusivos às obras que se sucederam na capela-mor da Matriz de Santa Bárbara há, no dia 20 de janeiro de 1756, o ajuste entre a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Gonçalo Francisco Xavier, para que fosse realizada pintura e douramento da capela-mor.<sup>15</sup> Esse documento indica que a reforma da alvenaria da capela-mor já se encontrava finalizada e, assim, deveria ser pintada e dourada. Não é crível que esse processo de pintura e douramento abrangesse a talha lá existente, por terem sido contratados tais serviços em datas anteriores, como já descrito. Do mesmo modo que são descartadas hipóteses de ter sido confeccionada nova talha para o retábulo-mor nesse período, tratando-se, apenas, de obras de douramento e pintura na alvenaria da dita capela-mor.

O desencontro de informações a esse respeito ocorre por se saber que o retábulo-mor da Matriz de Santa Bárbara sofreu modificações que lhe conferiu seu aspecto atual, no qual o estilo Rococó se faz presente. A pesquisadora Myriam Ribeiro levantou possibilidades de Manuel da Costa Ataíde ter sido o autor do risco desse novo retábulo<sup>16</sup>, pois o pintor se envolveu com serviços de pintura na Matriz de Santo Antônio entre os anos de 1806 e 1807<sup>17</sup>.

---

<sup>11</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 24v.

<sup>12</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805):26.

<sup>13</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805):34.

<sup>14</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 37v.

<sup>15</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 39.

<sup>16</sup> Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, "Entalhadores Bracarense e Lisboetas em Minas Gerais Setecentista," *Revista do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira*, n.º 3 . (Belo Horizonte, 2006): 147.

<sup>17</sup> Ressalta-se que a sequência das obras pelas quais passou a Matriz de Santa Bárbara necessita ser investigada, diante da existência de documentação primária referente ao assunto e pouco conhecida.

Sabe-se, também, que o antigo retábulo-mor e demais ornamentos que compuseram a primeira configuração da capela-mor da Matriz de Santo Antônio foram desmontados. Alguns elementos dessa talha encontram-se no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto: o grupo da Santíssima Trindade, uma coluna quase-salomônica<sup>18</sup>, algumas figuras antropomórficas e outros adornos. Acredita-se que a outra parte do retábulo foi remontada na capela do Santíssimo Sacramento da referida igreja<sup>19</sup>, uma vez que a montagem realizada denota que os ornamentos que lá se encontram, não foram concebidos para o espaço que hoje ocupam, além de revelarem proximidade formal e estilística com os demais elementos procedentes do conjunto retabular primeiro da Matriz de Santa Bárbara.

Pensa-se ser provável que seja a talha existente na capela do Santíssimo Sacramento uma remontagem dos fragmentos que restaram do antigo retábulo e ornamentos da capela-mor, pois indicam os documentos que Francisco de Faria Xavier foi contratado para fazer “... obra da capella mor...”<sup>20</sup> no ano de 1744 e, após um ano, José Coelho de Noronha recebeu pagamento como mestre da “... obra de talha da capella mor”<sup>21</sup>. Excluindo-se, assim, possibilidades de Noronha ou Francisco de Faria Xavier ter sido contratado para executar talha da capela do Santíssimo Sacramento. Contudo, seria interessante estudar documentos da Matriz de Santa Bárbara para que se possa conhecer a época em que essas peças foram adaptadas no local onde hoje se encontram e se existiu, ali, outra talha.

Sobre o tema, observa-se que a talha da capela do Santíssimo Sacramento da Matriz de Santo Antônio demonstra afinidades formais e escultóricas com algumas esculturas de talha executadas por José Coelho de Noronha. Essas proximidades são percebidas quando se compara as figuras antropomórficas que compõem a referida obra, aos mesmos elementos que o artista entalhou em outras igrejas de Minas.

Outra dúvida que permanece se refere às atribuições feitas ao entalhador Francisco Xavier de Brito de ter sido o autor das peças entalhadas para o antigo retábulo-mor de Santa Bárbara. A presença da mão de Brito na confecção da mencionada talha é tema recorrente na historiografia da arte luso-mineira, pois lhe é atribuída a autoria do magnífico grupo escultórico da Santíssima Trindade que compunha esse retábulo e que hoje se encontra no Museu da Inconfidência. Esse conjunto é composto pela escultura do Deus Pai, de barba longa e o filho, de barba curta com o globo ao centro representando o mundo recém-criado. Essas esculturas se assemelham aos mesmos elementos do coroamento do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, obra essa, comprovadamente, executada por Francisco Xavier de Brito<sup>22</sup>. A boa fatura dessas esculturas e os detalhes das vestes das figuras apontam a possibilidade de se tratarem de obras de um mesmo escultor além de não ficarem dúvidas de que uma serviu de modelo para a outra, no caso a de Santa Bárbara deve ter sido o modelo por

---

<sup>18</sup> Sobre o uso da coluna salomônica nas artes e na arquitetura, Hill analisa a origem desses elementos e seu uso na arte. O autor ainda explicita que as colunas do “Estilo Nacional Português correspondem à denominação de ‘pseudosalomônicas’(...)” essa tipologia de colunas, além de outras características que as determinam, não têm seu terço inferior estriado. Ver: Marcos Hill, “A Coluna Salomônica: uma perspectiva histórica sobre um elemento ornamental,” *Revista Barroco*, n.º 17, Belo Horizonte (1993-1996): 231-240.

<sup>19</sup> Germain Bazin, *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil. Vol. 2* (Rio de Janeiro: Record, 1983), 97.

<sup>20</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805): 21v.

<sup>21</sup> Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana, *Livro de receitas e despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*, Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12 (Santa Bárbara: 1741-1805):22v.

<sup>22</sup> Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, *Livro de Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, (Ouro Preto: 1729-1777, vol. 224): 53.

se saber que sua fatura ocorreu antes da talha do Pilar de Ouro Preto. Os querubins que ladeiam a composição de Santa Bárbara indicam, pela volumetria de suas faces, pela escultura do queixo, boca, nariz e bochechas, proximidades com as mesmas figuras do coroamento do retábulo-mor da Matriz do Pilar. Com exceção dos penteados dos cabelos de alguns desses anjos que fogem, em alguns aspectos, ao esgrafiado dos anjos de autoria de Xavier de Brito no Pilar de Ouro Preto, o que permite pensar se Brito contou, em Santa Bárbara, com a ajuda de algum outro entalhador, quem sabe, o Noronha.

Além desses elementos, os quartelões que se encontram na capela do Santíssimo Sacramento de Santa Bárbara, muito se assemelham aos quartelões do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, cuja talha foi executada pelo entalhador Francisco Xavier de Brito a partir de 1746, alguns anos após de ter sido realizada a talha de Santa Bárbara. A hipótese que se levanta diante dessas semelhanças é de serem os quartelões que compõem o retábulo da capela do Santíssimo Sacramento, em Santa Bárbara, peças riscadas ou entalhadas por Xavier de Brito.

Desse modo, não se exclui a possibilidade de Xavier de Brito ter colaborado na produção da obra em estudo, visto serem muitas as evidências de ter ele esculpido o grupo da Santíssima Trindade, como analisado anteriormente. Contudo, a ausência de documentação que cite seu nome e a menção a José Coelho de Noronha recebendo pagamento como mestre da obra de talha da capela-mor da Matriz de Santa Bárbara, exige que se busquem metodologias de análise para que se possa identificar qual foi a colaboração de um e outro na confecção da dita talha. É também importante sistematizar qual foi a real participação de Francisco de Faria Xavier nesse processo, pois as recentes descobertas embasadas em documentação colocam dúvidas se foi ele apenas o arrematante da obra inicial de talha do retábulo-mor, subcontratando outros artistas para sua execução, onde entraria a possível colaboração de Francisco Xavier de Brito, ou se Faria Xavier realmente executou alguns desses trabalhos. Respostas essas que necessitam de pesquisas e reflexões maiores que não cabem nessa pequena contribuição que por ora se faz.

Por fim, registra-se que a talha que restou do antigo retábulo-mor da Matriz de Santa Bárbara, cuja obra se iniciou em 1744, permite compreender que o conjunto se tratava de um dos mais belos exemplares joaninos existentes em Minas e que muito pode ter influenciado a talha das capelas-mores da Matriz do Pilar de Ouro Preto (c. 1746), da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas (1746) e da Matriz do Pilar de São João del-Rei (c. 1754), principalmente por se saber que os artistas que estiveram envolvidos na produção da talha dessas igrejas, mantiveram relações profissionais que os possibilitava conhecer a obra de seus colegas, referenciando-se nelas e propagando modelos.

\*\*\*

Dos serviços de talha nos quais se envolveu Francisco de Faria Xavier, merece destaque seus últimos trabalhos em Catas Altas, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Essa igreja reuniu em seu interior importante canteiro de obras de talha onde trabalharam conhecidos nomes do contexto artístico coevo. Contudo, sua talha foi pouco estudada, apesar da existência de significativa documentação sobre seu processo de produção.

Conforme dados arrolados por Martins<sup>23</sup>, sabe-se que a 8 de maio do ano de 1746 o entalhador Manoel Gonçalves Valente arrematou a obra de talha da capela-mor, ilhargas e púlpitos da Matriz de Catas Altas. Essas obras se prolongaram até o ano de 1751, quando faleceu Gonçalves Valente, deixando serviços por fazer, o que motivou a Irmandade do Santíssimo Sacramento a ajustar com Francisco de Faria Xavier,<sup>24</sup> em abril de 1755, o restante da obra de talha que estava por ser realizada. Provavelmente, em outubro de 1755, já havia sido finalizada a execução dos serviços arrematados por Francisco de Faria Xavier, uma vez que nesta data é realizada aceitação da obra, após passar pelo processo de louvação. Registros documentais apontam que entre os anos de 1760 e 1761, foram pagos os últimos valores devidos a Francisco de Faria Xavier, referentes à obra de talha da capela-mor. Importante ressaltar que parte dessa quantia foi paga a terceiros, visto Faria Xavier ter falecido no ano de 1759. De toda forma, esses créditos a receber foram arrolados no inventário do artista<sup>25</sup> com ressalvas que deveriam ser pagos ao entalhador Francisco Vieira Servas, a quem Francisco de Faria Xavier se diz devedor, visto Servas ter trabalhado para ele na obra de talha do retábulo-mor da Matriz de Catas Altas.

“Declaro que a Irmandade do Santíssimo Sacramento deste Arrayal me era devedora de quantia que [ilegível] das contas que com ela tive procedidos da obra de talha que havia da capela mor cuja se acha por execução no cartório da [ilegível] da cidade de Mariana com a qual paguei Francisco Vieira Servas por ser devedor de quatro contos mil reis e seus juros procedidos da mesma obra em que o dito trabalhou e eu lhe fiz seção e [ilegível] judicial pelo tabelião desta freguesia e como dita conta afim do dito execução [ilegível] para seu pagamento meu testamento lhe fará o que faltar mostrando o dito Servas a conta feita e ajustada pela Irmandade igual a minha parte do plena e geral quitação de paga”<sup>26</sup>.

É de conhecimento que o entalhador Francisco Viera Servas<sup>27</sup> contribuiu para produção da talha de alguns retábulos da Matriz de Catas Altas. Como cita Martins<sup>28</sup>, o artista recebeu entre os anos de 1753-1759 pagamentos por serviços realizados na referida igreja, o que, provavelmente, possibilitou-lhe manter relações de trabalho com Francisco de Faria Xavier, como consta documento acima transcrito. A importância desse documento não se encontra apenas na citação de participação de Servas na fatura da talha da capela-mor da Matriz de Catas Altas, o que pode favorecer estudos mais detalhados na busca por se investigar quais foram as intervenções por ele ali empreendidas. Mas, sobretudo, por se saber que para um serviço não muito grande, que foi realizado em um prazo de seis meses, Faria Xavier lançou mão de subcontratações. Essa informação, somada ao fato de Francisco de Faria Xavier arrematar obra de talha em Santa Bárbara e depois aparecer José Coelho de Noronha recebendo pagamentos

<sup>23</sup> Judith Martins, *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Vol. 2, nº 27, (Rio de Janeiro: Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974), 294.

<sup>24</sup> Judith Martins, *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Vol. 2, nº 27, (Rio de Janeiro: Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974), 318.

<sup>25</sup> Arquivo da Casa Setecentista, Iphan, Cartório 1º ofício. *Testamento de Francisco Faria Xavier*, (Mariana:1759): 159.

<sup>26</sup> Arquivo da Casa Setecentista, Iphan, Cartório 1º ofício. *Testamento de Francisco Faria Xavier*, (Mariana: 1759):159.

<sup>27</sup> A vida e obra desse importante entalhador foi estudada por Ivo Porto de Menezes e depois por Adriano Reis Ramos. Ver: Ivo Porto de Menezes, “José Coelho de Noronha e Francisco Vieira Servas,” *Congresso do Barroco no Brasil II*, Ouro Preto (1989). Ver: Adriano Ramos, *Francisco Vieira Servas e o ofício da escultura na capitania das minas do ouro*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2002.

<sup>28</sup> Judith Martins, *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Vol. 2, nº 27, (Rio de Janeiro: Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974), 214.

pelos mesmos serviços, vem a levantar hipóteses de ter sido Faria Xavier uma espécie de empresário, que arrematava obras e depois subcontratava artistas para efetuar sua execução, o que pode indicar que ele não tinha uma oficina fixa de artistas que o auxiliava, ou ser ele homem ligado mais aos negócios do que à fatura da talha.

Por outro lado, essas constatações dificultam estudos que tenham como objetivo compreender a obra de Francisco de Faria Xavier por meio de uma análise formal. Primeiramente, porque até o momento só se tem conhecimento de seu envolvimento em duas obras de talha. Segundo, porque nesses trabalhos, comprovadamente, atuaram outros artistas, imbuindo essas obras de características diversas que poderiam, em um estudo incorreto, ocultar a efetiva participação de todos os seus executores. Nesse sentido, sabe-se que grande parte da talha da capela-mor e seu retábulo, da Matriz de Catas Altas, foram executados por Manoel Gonçalves Valente. Além disso, foi um período relativamente curto o que Faria Xavier se encontrava envolvido com a obra por ele arrematada, principalmente se for considerada a colaboração de Vieira Servas, o que dificulta um trabalho por buscas de características escultóricas do artista. Para que se possa analisar a talha de Faria Xavier, é necessário que se encontre outra obra, documentada, que seja de sua autoria, o que até o momento não ocorreu.

No tangente às questões referentes à produção do retábulo-mor de Catas Altas, não se sabe quem foi o responsável pelo seu risco. Todavia, sua semelhança com a talha da capela-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, possibilitou a Bazin<sup>29</sup> considerar a probabilidade de ser esse risco de autoria de Francisco Xavier de Brito, principalmente porque o pesquisador realizou uma série de comparações entre a talha do retábulo-mor de Catas Altas, com outros trabalhos de Xavier de Brito, inclusive na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, no Rio de Janeiro, o que o possibilitou encontrar sinais da talha de Brito nas referidas obras.

De tudo isso, é importante quando se pensa em Brito como responsável pelo o risco para Catas Altas, repassar por cronologia das igrejas mineiras que recebiam decoração de talha dourada, no correr do século XVIII, o que pode trazer algumas implicações nessas relações colocadas por Bazin. Sabe-se o risco da talha da capela e retábulo-mor da Matriz do Pilar de Ouro Preto foi realizado por Francisco Branco de Barros Barrigua,<sup>30</sup> cuja talha foi arrematada por Francisco Xavier de Brito no mês de abril do ano de 1746.<sup>31</sup> Outra informação importante sobre essa talha é que, no ano de 1747,<sup>32</sup> Francisco Xavier de Brito modificou o risco do retábulo para corrigir erros do projeto inicial em seu remate, nichos e sacrário. Certamente, as correções propostas pelo novo risco de Xavier de Brito seriam, no ano de 1754, reajustadas pelo entalhador José Coelho de Noronha<sup>33</sup> que foi contratado para corrigir problemas na talha do retábulo-mor da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, uma vez que Brito faleceu no ano de 1751 e não pôde finalizar os trabalhos. Outra informação importante, que deve ser considerada, é que a obra de talha da Matriz de Catas Altas foi arrematada pelo entalhador Manoel Gonçalves

---

<sup>29</sup> Germain Bazin, *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Vol. 1 (Rio de Janeiro: Record, 1983), 345.

<sup>30</sup> Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, *Livro de Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, vol. 224 (Ouro Preto: 1729-1777): 48.

<sup>31</sup> Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, *Livro de Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, vol. 224 (Ouro Preto: 1729-1777):53.

<sup>32</sup> Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, *Livro de Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, vol. 224 (Ouro Preto 1729-1777):57.

<sup>33</sup> Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, *Livro de Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, vol. 218 (Ouro Preto 1749-1810):45-45v.

Valente, em maio de 1746. Desse modo, pode-se considerar que, nesse espaço de tempo, os riscos dos retábulos-mores do Pilar e de Catas Altas já se encontravam prontos, visto ser o risco uma pré-condição para se seguir à arrematação dos serviços de talha, o que inviabiliza hipóteses de ter sido o risco do Pilar de Ouro Preto, modelo para o retábulo-mor da Matriz de Catas Altas.

É importante ressaltar que a capela e retábulo-mor da Matriz de Santa Bárbara, cuja talha foi arrematada por Faria Xavier no ano de 1744 e que Noronha trabalhou por volta de 1745 (cuja autoria de algumas peças é atribuída a Xavier de Brito) antecedeu as obras do Pilar de Ouro Preto e de Catas Altas em quase dois anos. Por meio da análise dos fragmentos que restaram da talha da Matriz de Santa Bárbara e das comparações que se pode fazer em estudos dessas duas composições, podem-se levantar hipóteses de ter sido o retábulo-mor de Santa Bárbara, pela data de sua fatura e por suas formas e ornamentos, modelo para os retábulos-mores de Catas Altas e do Pilar de Ouro Preto.

Não se conhece o artista responsável por riscar o antigo retábulo-mor da Matriz de Santa Bárbara, tampouco se sabe quem foi o autor do projeto do retábulo-mor de Catas Altas, o que dificulta os trabalhos de pesquisa a respeito dessas obras, mas a data de fábrica do retábulo de Santa Bárbara tem muito a dizer. No tangente ao entalhador Francisco de Faria Xavier, como já discutido, é difícil mencionar qual foi sua real participação na produção dos ornamentos da talha dos retábulos-mores de Catas Altas e Santa Bárbara e na subsequente influência que exerceria no contexto da arte da talha em Minas, visto documentação apontar que outros entalhadores se envolveram na fatura dos citados retábulos. Já em Catas Altas, a presença de Francisco Vieira Servas recebendo por uma obra arrematada por Francisco de Faria Xavier, após já ter sido feita boa parte dos serviços por Manoel Gonçalves Valente, dificulta compreender o que poderia ser os traços artísticos de Faria Xavier.

Deve-se, ainda, fazer algumas ressalvas sobre as atribuições feitas a Francisco Xavier de Brito, como responsável pelo risco do retábulo-mor de Catas Altas, principalmente se tomar como subsídio a metodologia que Bazin lançou mão para tal atribuição. Isso ocorre por ter Germain Bazin atribuído a Francisco Xavier de Brito a autoria de dois retábulos da Sé de Mariana: o de São Miguel e Almas, que ele designa de “altar do Senhor dos Passos” e o retábulo de Nossa Senhora do Rosário.<sup>34</sup> Após concluir que poderiam ser de Brito essas obras, Bazin efetuou comparações entre esses dois retábulos e o retábulo-mor da Matriz de Catas Altas para, em seguida, atribuir a Xavier de Brito a autoria do risco do retábulo de Catas Altas.

Como hoje se sabe o retábulo de São Miguel e Almas, da Sé de Mariana, foi obra do entalhador José Coelho de Noronha<sup>35</sup>, sendo de conhecimento, também, que o entalhador promoveu diversas alterações no projeto do retábulo para obter melhorias estéticas, de modo que sua configuração atual, que levou Bazin a atribuí-lo a Francisco Xavier de Brito, não corresponde ao projeto inicial, diante de todas as alterações promovidas por Noronha. Da mesma forma, demonstrou Pedrosa<sup>36</sup>, por meio de análise formal e de documentação, ser provável que José Coelho de Noronha tenha trabalhado na produção da talha do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, da Sé de Mariana. Ressalta-se que o pesquisador não descartou a possibilidade do risco dessa obra ser de autoria de outro artista, e que poderia até mesmo se

<sup>34</sup> Germain Bazin, *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Vol. 1 (Rio de Janeiro: Record, 1983), 345.

<sup>35</sup> Aziz José de Oliveira Pedrosa, *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012). 103.

<sup>36</sup> Aziz José de Oliveira Pedrosa, *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012). 109.

tratar de um projeto de Francisco Xavier de Brito. Mas, à luz dessas informações, acredita-se que seja momento de se fazer revisão dessas considerações, para que se possam trazer novos conhecimentos para o estudo da talha em Minas Gerais.

Por fim, registra-se que o retábulo-mor da Matriz de Catas Altas possui estruturação e ornamentos muito próximos aos dos retábulos-mores das Matrizes de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto e de Santo Antônio, em Santa Bárbara (considerando-se, para estudo desse último, a talha que restou do primeiro retábulo realizado para essa igreja). Observações a esse respeito podem ser feitas por meio da análise dos pares de colunas quase-salomônicas, do trono escalonado e, sobretudo, do coroamento de ambos retábulos, que recebeu grupo escultórico de grande destaque. A proximidade do uso de uma mesma preferência por elementos ornamentais e da proximidade na formatação dos retábulos, levanta hipóteses dessas obras terem sofrido influência de um risco inicial, que, se forem consideradas as datas de execução, pode-se supor ter sido o retábulo-mor de Santa Bárbara obra pioneira a exercer influência sobre as demais. Além disso, a vasta geografia de atuação dos entalhadores nas Minas do século XVIII permitiu que muitos artistas, inclusive esses que ilustram o presente texto, tivessem se familiarizado com as obras de talha que viam, implicando-lhes propagar as influências assimiladas.

### Considerações finais

Deixa-se, assim, pequena contribuição para o estudo da história da arte luso-brasileira. Subsidiado pela análise de documentos recém-levantados que possibilitaram compreender, um pouco mais, sobre a vida de Francisco de Faria Xavier e sua atuação no contexto da arte setecentista em Minas Gerais.

Além disso, as discussões emendadas neste texto possibilitaram trazer a conhecimento novas reflexões sobre a talha de alguns templos religiosos de fundamental relevância para arte do período, citando-se os retábulo-mores das Matrizes de Nossa Senhora da Conceição (Catas Altas), de Santo Antônio (Santa Bárbara) e de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto.

### Bibliografia

- Arquivo da Casa Setecentista, Iphan, Cartório 1º ofício. *Testamento de Francisco Faria Xavier*. Mariana: 1759.
- Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana. *Livro de Óbitos*. Prateleira H-01. Catas Altas 1749-1760.
- Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Mariana. *Livro de Receitas e Despesas da Irmandade Santíssimo Sacramento*. Matriz de Santo Antônio de Santa Bárbara, Prateleira X-12. Santa Bárbara 1741-1805.
- Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar. *Livro de Termos da Irmandade do Santíssimo Sacramento*, vol. 224. Ouro Preto: 1729-1777.
- Aziz José de Oliveira Pedrosa, “Uma Oficina de talha na Sé de Mariana: o fazer artístico e o contrato de trabalho.” *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 50, maio/agosto (2013): 597-630.
- Aziz José de Oliveira Pedrosa, *José Coelho de Noronha: artes e ofícios nas Minas Gerais do Século XVIII*. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- Germain Bazin, *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- Ivo Porto de Menezes, “José Coelho de Noronha e Francisco Vieira Servas,” *Congresso do Barroco no Brasil II*, Ouro Preto (1989).
- Judith Martins, *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. 2 vols., nº 27. Rio de Janeiro: Publicações da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1974.

Marcos Hill, "A Coluna Salomônica: uma perspectiva histórica sobre um elemento ornamental," *Revista Barroco*, n.º 17, Belo Horizonte (1993-1996): 231-240.

Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, *O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, "Entalhadores Bracarenses e Lisboetas em Minas Gerais Setecentista." *Revista do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira*, Belo Horizonte, n.º 3 (2006): 141-151.